

## CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: O RESGATE DA MEMÓRIA DO IDOSO

**Pablo Tiago da Silva<sup>1</sup>; Silvane Aparecida de Freitas<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Estudante do Curso de Direito da UEMS, Unidade Universitária de Paranaíba; E-mail: pablo.s.tiago@hotmail.com  
**BOLSISTA**

<sup>2</sup> Professor(a) do curso de Ciências Sociais da UEMS, Unidade Universitária de Paranaíba; E-mail: silvaneafreitas@hotmail.com

Área Temática da Extensão  
- Educação

### **Resumo**

Trata-se de projeto voltado para os idosos do Lar Santo Agostinho, presente no município de Paranaíba, onde são realizadas visitas quinzenais ao asilo, que consistem em uma troca de experiências entre os integrantes deste projeto e os idosos, com a finalidade destes compartilharem suas histórias de vida conosco, realizando por meio desta a gravação, transcrição e retextualização de suas experiências de vida, além de propiciar-lhes tardes de recreação e entretenimento, fundamentadas em passar respeito e, principalmente, afeto. O idoso vive em uma sociedade que o exclui e não acredita na capacidade deste como cidadão, o abandonando ao descaso. Dessa feita, projetos como o presente, que visam, dentre outras, modificar a visão da sociedade perante o idoso, mostrar que este ainda tem força e voz, e que pode contribuir de maneira significativa para a comunidade, já que possui conhecimento vasto das funções sociais, sendo, ao contrário do que muitos acreditam, um ser humano de extremo valor. Portanto, através de simples conversas, as quais são gravadas pelos integrantes deste projeto, vamos conhecendo a história de vida dos internos do Lar Santo Agostinho, e, assim, as retextualizando, para que, posteriormente, se faça um acervo memorial com todas as histórias coletadas. Insta salientar que, como o presente trabalho está ainda em andamento, veremos conclusões apenas parciais das ações propostas.

**Palavras-chave:** Idosos. Troca de experiências. Recreação. Entretenimento. Afeto.

### **Introdução**

No Brasil, de acordo com o Estatuto do Idoso, é considerado “idoso” aqueles que possuem idade igual ou superior a 60 anos. Segundo Falcão e Araújo (2009, p. 120),

[...] o envelhecimento se caracteriza, portanto, como um tempo de exposição a acontecimentos da vida e a transições, mas também como um tempo de implementação de estratégias de confrontação e de resolução de desafios, a partir das oportunidades e do potencial adaptativo que cada idoso possui.

Atualmente, poucas são as pessoas dispostas a trabalharem com idosos, que se dispõem a compreendê-los, tratá-los com paciência e afeto. A sociedade acostumou-se com o isolamento do idoso e que este é frágil, debilitado, um peso social, e acredita erroneamente que não possui meios de contribuir à comunidade. Por isso, torna-se cúmplice das mazelas provocadas, do abandono, da falta de respeito e da degradação, o que contribui para a difusão de uma cultura de violência e descrença. Segundo Costa (1998, p. 19),

[...] a sociedade não o vê e não o aceita como alguém prudente; a família, muitas vezes, o rejeita; os mais novos se cansam da nostalgia que suas palavras transmitem [...] Nostalgia essa que se encontra presente no próprio idoso, devido ao preconceito, a falta de respeito, os maus-tratos.

Contudo, os próprios idosos favorecem a sua estigmatização, já que com a perda de seu vigor, com a aposentadoria, é adquirido um sentimento de inutilidade, enclausuramento, depressão, dentre outros. Dessa forma, param de acreditar em si mesmos, e se conformam com o que a sociedade estipula ser melhor para a sua vida.

A própria família, muitas vezes, desconsidera o idoso. Os problemas com a violência nas relações familiares geralmente surgem com o confronto de gerações, dificuldades financeiras e os confrontos de espaço físico, somado a um pensamento discriminador que considera o idoso como descartável. Logo, em razão desses fatores, muitos idosos começam a sofrer de depressão, sentimentos de culpa e negação, e vivem em desesperança.

Para Freud (apud COSTA, 1998), os idosos não seriam mais “educáveis”, já que muitos sofrem “distúrbios”, ou seja, declínios decorrentes do ambiente em que vivem, do estilo de vida que seguem, acarretando depressão, nostalgia, solidão, isolamento, negligências, abusos, discriminação, afastamento da família, abandono etc.

O Estatuto do Idoso enfatiza os cuidados para com o idoso como uma responsabilidade da família, considerando a opção das casas de asilo apenas, quando não houver outro meio. Ele visa assegurar-lhes a preservação de sua saúde mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade. Porém, o que ocorre é apenas uma posituação dessa lei, e não a efetivação. Ela existe apenas para o povo se sentir seguro, pois ele necessita de tal sensação.

O Asilo é tachado como um lugar de abandono de idosos, sendo temido e repudiado, onde dificilmente se consegue imaginar como um lugar em que uma pessoa gostaria de morar, ou ainda que pudesse se realizar. Mas essa não é a única realidade. Como tudo no mundo, existe um lado positivo e outro negativo. Os Asilos existem. Todavia, existem aqueles que são fundamentais à comunidade, pois promovem o bem estar social e ajudam a amenizar o problema da marginalidade, mas o trabalho desmerecido diante de todos os males que os outros lhes afligem.

Contudo, não podemos alegar desconhecimento sobre o fato de que muitas casas de Asilo não abrigam somente idosos em si, mas também pessoas com problemas de saúde, muitas vezes mentais, fazendo desses lares um “depósito” de doentes. Diante de tais considerações, faz-se necessário uma intervenção nessa cruel verdade, por meio da Universidade e dos alunos dos cursos de humanas, comprometidos com o bem estar social.

Importa frisar que visamos, com os trabalhos realizados, coletar as histórias de vida dos idosos do Lar Santo Agostinho, propiciando momentos para manifestarem suas ideias, seus pensamentos, pontos de vista, em uma sociedade que sempre os ignorou.

## **Material e Métodos**

Inicialmente, estabelecemos contato direto com os idosos no Lar de Idosos Santo Agostinho. Na primeira visita, fizemos uma “ambientalização”, conhecendo o espaço, as condições de permanência dos idosos no lar e a história de vida de alguns. Posteriormente, com visitas quinzenais, específicas para o desenvolvimento de tardes recreativas para os idosos, devidamente supervisionadas por um profissional competente da instituição e por leituras compartilhadas com o orientador do projeto e demais colaboradores, realizamos as gravações das histórias de vida dos idosos.

Em um segundo momento, as histórias, após gravadas, são transcritas pela equipe que compõe o projeto do orientador e demais voluntários e, após transcrição, retextualizadas, ou seja, adequada ao gênero memória, sob a devida orientação, seleção e correção do orientador deste projeto. Em seguida, as histórias serão organizadas, documentadas, objetivando fazer parte do relatório final deste projeto.

## Resultados e Discussão

Como este projeto ainda se encontra em andamento, os resultados obtidos são apenas parciais. Até o presente momento, foram coletadas 4 narrativas, sendo 3 de homens e 1 de mulher. Em cada uma, temos culturas diferentes, histórias completamente distintas, alegrias, sofrimentos, as quais veremos resumidamente aqui.

Por exemplo, na primeira narrativa coletada, temos a história de vida da Sra. Geralda, que nos conta desde sua infância até a ida para o Asilo, passando por momentos de alegria, dificuldades, e nos mostra todo seu carinho e amor, ao nos tratar com tanta receptividade, como, por exemplo, a primeira vez que a fui cumprimentar com um cordial aperto de mão e ela toda sorridente me diz “que mão o quê, menino! Me dá um abraço”, e assim me puxa para junto de si.

Na próxima narrativa, temos um pouco da história de vida do Sr. Antônio e sua visão clara do que pensa sobre o casamento:

Tenho 2 filhos, o mais velho está com 45 anos, tem uma mulher boa, casa arrumada, fui vivendo a vida... Meus filhos que casaram tão tudo bem, tem suas casas, motos, carros... A pessoa tem que saber viver a vida, logo começa a descombinar com a mulher, não pode. Tem que te fartura, feijão, arroz, e assim a gente vai levando, até hoje não tenho do que reclamar. Casei, vivi bem. Agora os rapaz de hoje tem muitos que casa e daqui um pouco separa, não pode. Os homens de hoje são poucos os que tem vergonha na cara, as moça tão avançada. Tem que achar um rapaz bom e levar a vida bem. Agora quando casa e a não dá certo, ai complica. Ma é bom, Deus faz o mundo, cria a gente, e é isso... Faz 20 anos que sai da Bahia, nasci em Juazeiro, de lá fui pro Ceará, e depois pra cá. Mas é, a gente sabendo viver a vida é boa...Lá na Bahia é bom, não tem essas lauvora que tem pra cá, que cabo com o mato.

Já em outra narrativa, temos um senhor mais reservado, que se abre pouco, tendo um pouco de dificuldade para se expressar, o máximo que conseguimos foram respostas curtas, tais que ele trabalhava em uma fazenda, sempre lidando com o gado e tratores, nunca se casou, nem ao menos teve filhos, dentre outras pequenas informações.

Já outros nos contam sua história de vida e a paisagem local da cidade em seu tempo, como é o caso do Sr. João, que nos conta o seguinte:

Sou de Ponta Porã, mas fui criado aqui mesmo, conheci isso aqui tudo mato. Depois de Ponta Porã, fomos para Minas, depois pra cá, era tudo mato bravo, nem estrada tinha, pra chega em Cassilandia dava um trabalho, pra Minas então , ia uns 3 dias. Até no porto era pura mata, mata verde, bem boa. Tô velho pra caramba... Aqui era terra de primeira, o povo que cuidou mal, o povo mesmo era mal. Agora que o povo está melhorando, Paranaíba ficou bom em vista do que era...

Existem também aqueles que nos contam episódios descontínuos de sua vida, mas, ainda assim, cheios de riqueza.

Lá no interior, trabalhei com um véi, esse véi tinha parte com o bixo, largo os filho tudo rico, os neto... As fazendas tem 13 mil hectar paulista, tem boi, vaca demais. Nós trabalhava com boi gordo. A gente ia pra cidade de vez em quando. Mas trabalhei mesmo com meu irmão, ajudava ele, ele era pintor. Trabalhávamos perto de Franca, a cidade do calçado. Tinha o Geromim, que a gente devia pra ele, ele foi cobra um dia, num minuto que sai, voltou e matou meu irmão. Ai me contaram, ó, o Geromim matou teu irmão com um revólver 38, ai foi uma briga só, foram atrás desse Geromim, quebraram, perna, braço, tudo. Mas está solto até hoje...

Dessa forma, notamos que de uma entrevista a outra, lidamos com pessoas completamente distintas, que fazem com que entendamos a sua forma de agir, tentando extrair delas o máximo que conseguimos.

## **Conclusões**

Como este projeto encontra-se, ainda, em andamento, podemos ter uma conclusão apenas parcial, oportunidade em que podemos destacar a coleta das histórias de vida de quatro idosos do Asilo Santo Agostinho. Com isso, pudemos observar a diversificação de suas histórias, as quais são marcadas pela singularidade de cada um. Dessa forma, foi possível observar as mudanças sociais de uma época para outra, os lugares distintos que cada um ocupou no passado, enfim, verificar as mudanças sócio-históricas transcorridas no decorrer dos tempos.

## **Agradecimentos**

À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e a Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos comunitários por oferecer a oportunidade de participar da extensão universitária e com minha formação humana ao perceber a realidade social e cultural de uma população carente de recursos nos seus diversos aspectos, como o econômico, o cultural e o social. Ainda agradeço ao Asilo Santo Agostinho que tão gentilmente nos acolheram.

## **Referências**

COSTA, Eliane Romero. **O estatuto do idoso no sistema de proteção social**. In: 17º Congresso Brasileiro de Previdência Social. São Paulo: LTr, 23 de jun. de 2004.

COSTA, Elisabeth. **Gerontodrama: a velhice em cena**. 2ª ed. São Paulo. Editora Agora, 1998.

BRASIL. **Estatuto do Idoso**, Lei n. 34.566, de 12 de setembro de 1995 (1988). Brasília, Setembro de 2009.

HADDAD, Eneida. **A ideologia da velhice**. São Paulo. Editora Cortez, 1986

FALCÃO, Deusivania; ARAÚJO, Ludgleydson. **Psicologia do envelhecimento: relações sociais, bem-estar subjetivo e atuação profissional em contextos diferenciados**. Campinas. Editora Alínea, 2009.